

AS METAMORFOSES DO SUJEITO “JOÃO” EM “O ARQUIVO” DE VITOR GIUDICE. UMA LEITURA SEMIÓTICA
THE METAMORPHOSIS OF THE SUBJECT “JOÃO” IN “O ARQUIVO” BY VITOR GIUDICE. A SEMIOTIC APPROACH

Renata Cristina DUARTE
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.
UNESP/Araraquara
renatalari@yahoo.com.br

Vera Lucia Rodella ABRIATA
Universidade de Franca
vl-abriata@uol.com.br

RESUMO: Tendo por base o referencial teórico da semiótica francesa, este artigo analisa o conto “O arquivo”, de Vitor Giudice. O texto narra o percurso de “joão”, um sujeito que, após ser explorado durante toda sua vida pela empresa na qual trabalhava e a isso se sujeitar com alegria, vivencia, ao final da história, sua metamorfose em um arquivo de metal. Analisamos as estratégias mobilizadas pelo enunciador para alcançar a adesão do enunciatário-leitor ao texto e a vias contratuais de significação figurativa que nele se manifestam, com o objetivo de focalizar as metamorfoses sofridas pelo sujeito ao longo da história. Para isso utilizamos o instrumental da teoria semiótica francesa com base especialmente em elementos de suas dimensões narrativa, passional, figurativa e enunciativa, de acordo com os pressupostos teóricos de Denis Bertrand (2003).

PALAVRAS-CHAVE: estratégias enunciativas, contrato de veridicção, figurativização, metamorfose.

ABSTRACT: Based on the French semiotics theoretical framework, this article analyzes the short story "O Arquivo" by Vitor Giudice, in which “joão’s” path, the protagonist, is narrated. Basically, after being exploited his whole life by the company for which he used to work, and allowing himself to be happily subjected to it, he experiences his own metamorphosis into a metal filing cabinet at the end of the story. We analyze not only the strategies mobilized by the enunciator in order to attain the adhesion of the enunciatee-reader to the text, but also the contractual ways of figurative signification that have been manifested in the text, with the objective of focusing on the metamorphoses suffered by the subject during the story. In order to do that, we used the theoretical tools of French semiotics applied to the text especially based on elements of its narrative, passional, figurative and enunciative dimensions, according to Denis Bertrand’s theoretical presuppositions (2003).

KEYWORDS: enunciative strategies, veridiction contract, figurativization, metamorphosis.

1. Introdução

[...] a figuratividade não é uma simples ornamentação das coisas, ela é a tela do parecer cuja virtude consiste em entreabrir, em deixar entrever, graças ou por causa de sua imperfeição, como que uma possibilidade de além (do) sentido. Os humores do sujeito reencontram, então, a imanência do sensível (A. J. GREIMAS).

Este trabalho analisa o conto “O arquivo”, de Vitor Giudice, publicado em 1972, em sua obra *O necrológio* que se encontra esgotada. O conto integra a coletânea *Os cem melhores contos brasileiros do século*, organizada por Italo Moriconi (2001) e está classificado pelo organizador entre os melhores dos anos 1970.

Analizamos as estratégias utilizadas pelo enunciador para alcançar a adesão do enunciatário-leitor ao texto, focalizando as vias contratuais de significação figurativa nele predominantes, com base na semiótica francesa, com o objetivo de desvelar as metamorfoses sofridas pelo ator protagonista ao longo da história. Para a consecução desse intento, observamos o modo como se concebe a geração de sentidos no texto, tratando em especial das relações entre a instância da enunciação e o discurso enunciado. Nesse aspecto, de acordo com Bertrand (2003, p. 24), procuramos descrever os procedimentos de discursivização relacionados à dimensão intersubjetiva da interlocução no ato de leitura que coloca no centro das discussões questões como “a interpretação e seus limites, a polissemia e a pluralidade das leituras”, passíveis de serem apreendidas em textos de caráter literário.

Tomamos por base as considerações de Greimas e Courtés (2011, p. 282) sobre o ato de leitura, entendido como “a construção, ao mesmo tempo sintática e semântica, do objeto semiótico que explica o texto-objeto” e exige uma parceria entre enunciador e enunciatário na construção dos sentidos dos textos. Essa relação entre enunciador e enunciatário é intermediada, pois, pelo próprio texto e se estabelece por meio de um contrato enunciativo ou fiduciário que se processa entre os dois parceiros da comunicação. Nesse sentido, Barros (2001, p. 94) afirma que:

A interpretação depende [...] da aceitação do contrato fiduciário e, sem dúvida, da persuasão do enunciador, para que o enunciatário encontre as marcas de veridicção do discurso e as compare com seus conhecimentos e convicções, decorrentes de outros contratos de veridicção, e creia, isto é, assuma as posições cognitivas formuladas pelo enunciador.

Procuramos explicitar, por conseguinte, ao longo de nossa análise, os mecanismos de recepção do texto que constituem o processo da “palavra em ato”, e o papel do enunciatário-leitor em seu fazer interpretativo do texto.

AS VIAS CONTRATUAIS DE SIGNIFICAÇÃO FIGURATIVA DOS TEXTOS LITERÁRIOS

A dimensão figurativa é tecida no texto por meio das isotopias espaciais, temporais, pessoais e recobre, com sua variedade de figuras, as outras dimensões. Bertrand (2003, p. 21) diz que a figuratividade “faz surgir aos olhos do leitor a ‘aparência’ do mundo sensível”, e a correspondência entre as isotopias figurativas e o “mundo natural” se faz pelo crivo cultural que torna possível a legibilidade figurativa.

Tendo em vista o espaço fiduciário responsável por habilitar os valores figurativos nos textos, a literatura é o campo de estudo em que mais se percebem variações no contrato de veridicção estabelecido entre os parceiros da comunicação. Para Bertrand (2003, p. 406), “uma das propriedades da literatura é revisar o tempo todo o contrato de veridicção figurativa, pondo sempre em questão as formas do ‘compreender’”. Apoiando-se no crer, como modalidade que fundamenta o regime de adesão do leitor ao texto, o semiótico francês estabelece uma tipologia das vias contratuais da significação figurativa para a leitura dos textos literários e distingue quatro posições que se definem pelo “estatuto diferenciado do sujeito leitor e intérprete, que as classes de textos figurativos assim constituídos implicam e constroem” (BERTRAND, 2003, p. 407). Essas posições são definidas pelo autor como o “crer assumido”, o “crer recusado”, o “crer crítico” e o “crer em crise”.

O “crer assumido”, como observa o semiótico francês, é comandado por uma figuratividade icônica que ordena uma ligação entre a figuratividade do texto e a visibilidade do mundo. Para isso o texto faz uso de códigos figurativos relacionados a espaço, tempo e pessoa, que se organizam segundo uma estrutura protocolar fixa para que o enunciatário, por meio do contrato fiduciário, que fundamenta essa leitura, vislumbre o mundo no texto. Os efeitos figurativos criam ilusões referenciais, de forma que o leitor adere a essa leitura de modo espontâneo ou mesmo ingênuo, deixando-se levar em plena confiança. Esse tipo de leitor, o que se deixa absorver completamente pelo texto como se fizesse parte dele, “assume sua crença e se funde momentaneamente com ela” (BERTRAND, 2003, p. 409).

A segunda via de significação figurativa, o “crer recusado” é aquela em que o texto faz surgir uma nova ordem de crença, baseada na denúncia das convicções

adquiridas, possibilitando que o leitor se afaste das impressões referenciais para descobrir outro ponto de vista, o das formas literárias estabelecidas pelo uso de maneira a impor ao leitor um referente interno convocado por ironização, por meio do questionamento dos códigos semânticos e discursivos que a práxis enunciativa estabilizou.

O terceiro modo de apreensão figurativa conduz o leitor ao “crer crítico” em que o estatuto da figuratividade se encontra modificado. As impressões de verdade criadas inicialmente de forma icônica são desconstruídas e remetem a outra ordem de crença. A figuratividade, que até então representava imagens do mundo, é responsável, nesse modo de apreensão, por produzir novos efeitos de sentido de ordem temática ou abstrata. Assim, “as associações de figuras e imagens não esgotam sua significação na simples figuração, elas engendram ideias” (BERTRAND, 2003, p. 410). O leitor se torna, portanto, fonte de sentido, pois é responsável por interpretar e mesmo transcender os sentidos inscritos no texto de forma a construir outra significação. Assim, o lugar da adesão se desloca da ilusão referencial para a ilusão interpretativa.

O “crer em crise”, por sua vez, é aquele em que o enunciatário é levado a questionar toda a figuratividade criada pelo texto. Dessa forma, a confiança, responsável por sustentar a crença na ilusão figurativa se abala, e os modos de veridicção são todos colocados em questão. O próprio texto interroga a figuratividade construída e põe em dúvida a crença que fundamenta a percepção.

A partir dessas quatro formas de apreensão figurativa compreende-se que a relação existente entre texto e leitor é complexa, pois “o leitor, ao ler, atualiza o texto e seu sentido, de acordo ou não com as expectativas e previsões advindas de sua competência linguística e cultural. Mas o texto também procura e cria seu leitor: ele o inventa o mais próximo possível da linguagem” (BERTRAND, 2003, p. 413). Assim, as várias lacunas existentes no texto, que são passíveis de serem preenchidas pelo enunciatário, consideram tanto sua experiência sensível da língua quanto sua experiência cultural do mundo que repercutem sobre seus pontos de vista no ato de leitura.

Na análise de “O arquivo”, que empreendemos a seguir, procuramos observar as estratégias utilizadas pelo enunciador no conto de Giudice, observando especialmente os modos de adesão do leitor ao texto.

AS METAMORFOSES DO SUJEITO “JOÃO” EM “O ARQUIVO”

A situação inicial do texto revela um enunciador que provoca estranhamento no enunciatário, pois projeta o ator “joão” no papel temático de trabalhador e no papel actancial de sujeito de estado que, apesar de sofrer uma “redução de vencimentos” após um ano de trabalho, sorri e aceita passivamente essa “recompensa”.

A projeção do ator se dá por meio da debreagem actorial enunciativa. Com essa escolha, o enunciador simula distanciamento da cena enunciativa, e, dessa forma, cria a ilusão de neutralidade frente aos fatos que relata o que, na verdade, não ocorre, como observamos ao longo da análise:

No fim de um ano de trabalho, João obteve uma redução de quinze por cento em seus vencimentos. João era moço. Aquele era seu primeiro emprego. Não se mostrou orgulhoso, embora tenha sido um dos poucos contemplados. Afinal, esforçara-se. Não tivera uma só falta ou atraso. Limitou-se a sorrir, a agradecer ao chefe (GIUDICE, 2009, p. 382).

A projeção do tempo no texto se dá igualmente por meio da debreagem temporal enunciativa, como se nota pela predominância de verbos no pretérito perfeito e pela ancoragem temporal, conforme se nota nos enunciados: “No fim de um ano de trabalho”, “Dois anos mais tarde”, “nos quatro anos seguintes” (GIUDICE, 2009, p. 382). Essas escolhas enunciativas representam a concomitância do momento do fato narrado em relação a um momento de referência pretérito, o que simula distanciamento temporal dos fatos relatados em relação à instância da enunciação, conforme Fiorin (1996, p. 155).

É interessante observar, por outro lado, que o enunciador ao ancorar o ator “joão”, no papel temático de trabalhador, sempre utiliza o antropônimo “joão” representado graficamente por meio de letra minúscula. Essa forma de grafia se associa ao tema da reificação do trabalhador que “joão” representa e que o enunciador ironiza no texto, postando-se, pois, como crítico do sistema centrado no capital e, conseqüentemente, de forma não neutra perante a história que relata.

Esse tema se reitera ao longo do texto. Assim, por meio da ironia o enunciador relata que após um ano de trabalho João obtivera uma diminuição de 15% em seu salário e fora um dos poucos contemplados com essa redução, justamente por sua dedicação e esforço, afinal, “não tivera uma só falta ou atraso” (GIUDICE, 2009, p. 382). Nesse aspecto, a sanção que recebe por todo seu empenho, que aos olhos do enunciatário é

negativa, é paradoxalmente concebida como recompensa por parte do destinador-julgador, figurativizado pelo “chefe”.

Instala-se, dessa forma, o absurdo no texto e, na sequência da história, o enunciatário é levado a perceber a ironia do enunciador relacionada às reações de “joão” perante os programas de privação a que passa a ser submetido. Tais reações se concretizam nas figuras “limitou-se sorrir” e “agradecer ao chefe”, o que leva o enunciatário a apreender o tema da subserviência do sujeito em relação às normas da empresa.

Em consequência da mudança salarial, “joão” precisa se ajustar às novas condições de vida. Assim, ele se muda para um quarto afastado do centro da cidade, local em que poderia pagar um aluguel menor. Dessa forma, passa a necessitar de dois transportes públicos para chegar ao trabalho tendo, portanto, que acordar mais cedo para lá se dirigir. E “joão” se adapta a tais situações, manifestando o estado de alma de satisfação frente a elas: “Estava satisfeito. Acordava mais cedo, e isto parecia aumentá-lo a disposição” (GIUDICE, 2009, p. 382).

Com a passagem temporal, figurativizada em “dois anos mais tarde”, revela-se a reiteração dos programas narrativos de espoliação a que “joão” é submetido: o sujeito do fazer “chefe” transforma a relação do sujeito de estado “joão” com o objeto-valor “salário”. Trata-se, portanto, de um outro programa de privação transitiva, pois o chefe reduz mais uma vez a remuneração do sujeito que, embora explorado, revela novamente o estado de alma de contentamento diante de tal fato:

Dois anos mais tarde, veio outra recompensa. O chefe chamou-o e lhe comunicou o segundo corte salarial. Desta vez, a empresa atravessava um período excelente. A redução foi um pouco maior: dezessete por cento. Novos sorrisos, novos agradecimentos, nova mudança (GIUDICE, 2009, p. 382).

A figura “recompensa”, utilizada pelo enunciador para concretizar a sanção do destinador-julgador “chefe” sobre os fazeres de “joão” é irônica, pois possibilita ao enunciatário entrever que o que é afirmado no enunciado é negado na instância da enunciação (FIORIN, 1992, p. 56). Portanto, o que é lido como recompensa, no nível do enunciado, deve ser entendido como exploração no nível da enunciação. Por outro lado, as figuras “sorrisos” e “agradecimentos”, que concretizam a reação de “joão” frente à intensificação dos programas de espoliação que sofre, remetem ao percurso temático da alienação e subserviência do ator. Essas reduções salariais se reiteram ao longo da narrativa e “joão” procura sempre adaptar-se a elas:

Agora João acordava às cinco da manhã. Esperava três conduções. Em compensação, comia menos. Ficou mais esbelto. Sua pele tornou-se menos rosada. O contentamento aumentou. Prosseguiu a luta (GIUDICE, 2009, p. 382).

O ator “João” vai se submetendo, dessa forma, a todas as formas da exploração: acordava ainda mais cedo, necessitava de três conduções para chegar ao trabalho e passou a comer menos, o que ocasiona gradativamente metamorfoses em seu físico: fica mais esbelto, figura eufêmica que o enunciador utiliza para aludir a seu emagrecimento; sua pele, por outro lado, fica menos rosada, sugerindo a palidez do sujeito subnutrido. No entanto, quanto mais a exploração se intensifica, mais o sujeito passivamente revela estados de alma de contentamento. Essa adaptação do sujeito a circunstâncias cada vez mais opressivas torna-se ainda mais dramática pela determinação de “João” em “prosseguir a luta”.

Na sequência do relato, o enunciador refere-se ao percurso do ator “João” nos anos subsequentes: “Porém, nos quatro anos seguintes, nada de extraordinário aconteceu” (GIUDICE, 2009, p. 383). É interessante notar o uso da figura “extraordinário” para se referir a ausência de acontecimentos negativos no percurso de “João”, mas paradoxalmente recebidos com contentamento pelo sujeito ao longo da narrativa.

Como nada de extraordinário acontecera nos quatro anos que se seguiram, desentendimentos passaram a marcar o relacionamento de “João” com os colegas de trabalho, segundo revela a passagem “Perdia o sono, envenenado em intrigas de colegas invejosos. Odiava-os” (GIUDICE, 2009, p. 383). O estado de alma de ódio do sujeito em relação aos colegas e a paixão inveja, que se manifesta na figura “intriga de colegas invejosos” relacionam-se ao tema da competição no mercado de trabalho e da desunião dos trabalhadores que ironicamente antagonizam entre si em virtude de também desejarem as perdas salariais a que fora submetido o colega de trabalho.

Por outro lado, “João” revela-se um sujeito modulado pela paixão obstinação, uma vez que seu querer (querer-ser) é intenso e ele permanece em estado de continuar a se regozijar com as perdas a que é submetido, ainda que seu percurso seja marcado por diversos obstáculos. Essa obstinação recebe uma forma aspectual de continuidade que se manifesta na figura “mas não desistia” (GIUDICE, 2009, p. 383). Isso se manifesta quando ele se sente instado a aumentar seu expediente. Vê-se, pois, que as dificuldades que enfrenta, associadas à modalidade do não-poder-ser, intensificam ainda mais o

querer do sujeito obstinado¹. Nesse sentido, a obstinação de “joão” também é irônica no contexto da história e, em retribuição a seus esforços, o chefe reconhece nele um ótimo funcionário ao qual a empresa muito devia, como se torna perceptível na passagem: “Seu João. Nossa firma tem uma grande dívida com o senhor” (GIUDICE, 2009, p. 383). E em sinal de “reconhecimento”, eles oferecem a “João” um novo “prêmio”: uma redução de 16% em seu salário, menos dias de férias e, além disso, rebaixam-no de cargo. As reações de “João”, todavia, demonstram sempre a posição de subserviência: “João baixou a cabeça em sinal de modéstia” (GIUDICE, 2009, p. 383).

Nesse sentido, nota-se que os estados de alma de “João” perante as espoliações que sofre também se intensificam indo do contentamento ao deslumbramento, tendo em vista o suposto reconhecimento do chefe e da empresa quanto a sua postura de funcionário dedicado, de acordo com o que se observa nas passagens do texto: “Respirou descompassado”, “O coração parava”, “A revelação deslumbrou-o”, “Radiante, João gaguejou alguma coisa ininteligível” (GIUDICE, 2009, p. 383). Tal percurso figurativo se associa a um outro: “não pensou em nada”, “dormiu pacífico, no silêncio do subúrbio” (GIUDICE, 2009, p. 383) e ambos se enquadram no percurso temático da alienação e subserviência do sujeito frente às arbitrariedades a que é submetido.

Cada vez mais incapaz de pensar, a consciência do sujeito é fortemente prejudicada de maneira a revelar, na sequência final do texto, o processo de desumanização do ator.

Assim, na continuidade do relato o enunciador constrói percursos figurativos em que se apreende o traço sêmico da desumanização do sujeito “João”: “deixara de jantar. O almoço reduzira-se a um sanduíche”, “não havia necessidade de muita roupa”, “eliminara certas despesas inúteis, lavadeira, pensão” (GIUDICE, 2009, p. 383). A disjunção desses valores contribui, por conseguinte, para a desumanização do indivíduo que vai, pouco a pouco, perdendo sua identidade humana. O enunciado “esfarelava-se num trem e dois ônibus para garantir meia hora de antecedência” (GIUDICE, 2009, p. 383) demonstra ainda o processo de reificação do sujeito que gradativamente vai se operando no texto. Nessa perspectiva, a figura lexemática “esfarelava-se”, que apresenta o traço de significação “inanimado”, se enquadra no percurso temático-figurativo da reificação do ator.

O sujeito “joão” continua seu percurso, recebendo sempre o reconhecimento da empresa, como se observa na figura “a vida foi passando, com novos prêmios” (GIUDICE, 2009, p. 383). Ao chegar aos sessenta anos recebia apenas o equivalente a 2% do salário inicial.

A privação à qual “joão” é submetido atinge três dimensões: a espacial, pois passou a viver no campo e dependia de carona para chegar ao trabalho “um caminhão anônimo transportava-o ao trabalho” (GIUDICE, 2009, p. 383); a temporal, pois o aumento da jornada de trabalho e o tempo gasto para chegar ao serviço davam a ele pouco tempo para descansar: “Dormia apenas quinze minutos” (GIUDICE, 2009, p. 383); e por fim, a dimensão actorial, pela deterioração física, pois acostumara-se a não se alimentar: “o organismo acomodara-se à fome. Uma vez ou outra, saboreava alguma raiz das estradas” (GIUDICE, 2009, p. 383).

O ator “joão” passa também a não mais se preocupar com a moradia ou com a vestimenta: “Não tinha mais problemas de moradia ou vestimenta. Vivia nos campos, entre árvores refrescantes” e cobria-se com os “farrapos de um lençol adquirido há muito tempo” (GIUDICE, 2009, p. 383).

Portanto, os percursos-temático-figurativos associados aos programas narrativos de privação a que “joão” vai sendo gradativamente submetido, da maneira como foram organizados no contexto do conto, tematizam não só o processo de desumanização do ator, por meio de suas condições precárias de sobrevivência, mas também sua total passividade frente a isso.

A figura “o corpo era um monte de rugas sorridentes” (GIUDICE, 2009, p. 383), que condensa a metonímia e a metáfora, recobre a ironia do enunciador ao tratar do estado de conformismo de “joão” perante a situação em que se encontrava. É interessante observar que as rugas, como efeitos do envelhecimento, devido às más condições de vida do sujeito, são paradoxalmente descritas pelo enunciador como “sorridentes”, o que expressa o estado de alma de satisfação e gratidão de “joão” frente aos “prêmios” que recebia da firma.

Próximo do desfecho da narrativa, “joão”, como sujeito de estado, recebe um novo prêmio em sinal de reconhecimento do destinador-julgador “chefe”: “Seu joão. O senhor acaba de ter seu salário eliminado. Não haverá mais férias. E sua função, a partir de amanhã, será a de limpador de nossos sanitários” (GIUDICE, 2009, p. 383). Ironicamente, o enunciador afirma que nesse momento “joão” “atingira todos os seus

objetivos” (GIUDICE, 2009, p. 384). Sua atitude, diante da proposta do chefe, intensifica o processo de desumanização, como se nota na passagem: “O crânio seco comprimiu-se. Do olho amarelado, escorreu um líquido tênue. A boca tremeu, mas nada disse. Sentia-se cansado” (GIUDICE, 2009, p. 384).

Apesar da gratidão que dedicava ao chefe e à empresa, “joão” solicitou sua aposentadoria. O ator “chefe” não compreende a decisão de “joão”, tendo em vista que a próxima recompensa oferecida a ele seria a cobrança de taxa para que ele pudesse permanecer no emprego. Sua atitude é a de total comoção perante o reconhecimento do chefe: “a emoção impediu qualquer resposta” (GIUDICE, 2009, p. 384).

O tema da desumanização do sujeito “joão”, apreensível desde o início da narrativa, culmina, no desenlace do texto, na metamorfose de “joão” que se transforma, enfim, em um objeto funcional, apto, ainda assim, a ser utilizado pela empresa:

joão afastou-se. O lábio murcho se estendeu. A pele enrijeceu, ficou lisa. A estatura regrediu. A cabeça se fundiu ao corpo. As formas desumanizaram-se, planas, compactas. Nos lados, havia duas arestas. Tornou-se cinzento. João transformou-se num arquivo de metal (GIUDICE, 2009, p. 383-384).

Portanto, a última metamorfose sofrida por “joão”, que representa sua completa desumanização, concretiza-se por meio de uma isotopia composta das figuras “a pele enrijeceu, ficou lisa”, “A estatura regrediu”, “A cabeça se fundiu ao corpo”, “As formas desumanizaram-se, planas, compactas”, “Tornou-se cinzento”. Verifica-se que as transformações do sujeito se revelam por meio da mudança nos traços sêmicosⁱⁱ das figuras que compõem o percurso temático da desumanização.

Nesse sentido, é possível observar tal metamorfose na figura “A pele enrijeceu” (GIUDICE, 2009, p. 384) em que se vislumbra o traço sêmico “rigidez” em oposição à “maciez”, traço característico da pele humana.

É importante analisarmos ainda a passagem: “A estatura regrediu. A cabeça se fundiu ao corpo. As formas desumanizaram-se, planas, compactas. Nos lados, havia duas arestas” (GIUDICE, 2009, p. 384). Observamos aí a regressão que se processa na estatura do sujeito. Por outro lado, a forma humana, marcada pelos traços sêmicos “circularidade”, “arredondamento” passa a ser marcada pelo traço sêmico “retilíneo”, apreensível nas figuras “planas”, “compactas”.

Ocorre ainda uma metamorfose na coloração de “joão”, pois o enunciador afirma que ele “tornou-se cinzento” (GIUDICE, 2009, p. 384). Nesse aspecto, observamos que a cor rosada de sua pele, como se percebe na figura “sua pele tornou-se

menos rosada” (GIUDICE, 2009, p. 382) passa a ser cinzenta, de acordo com a coloração característica dos arquivos de metal.

Assim, no processo gradual de metamorfose de “joão” em um “arquivo de metal”, é possível observar diferentes transformações de estado que constituem o percurso do sujeito: transformações referentes às reduções salariais, como nos trechos “joão obteve uma redução de quinze por cento em seus vencimentos”, “segundo corte salarial” (GIUDICE, 2009, p. 382), “redução de dezesseis por cento em seu ordenado”, “o ordenado equivalia a dois por cento do inicial” (GIUDICE, 2009, p. 383).

As dificuldades enfrentadas por “joão” se manifestam também por meio de transformações no espaço em que o sujeito habitava: “mudou-se para um quarto mais distante do centro da cidade” (GIUDICE, 2009, p. 382), no tempo “chegava em casa às onze da noite, levantava-se às três da madrugada. Esfarelava-se num trem e dois ônibus para garantir meia hora de antecedência” (GIUDICE, 2009, p. 383).

Finalmente observa-se a transformação do ator que passa gradativamente da humanização para a desumanização: “O organismo acomodara-se à fome. Uma vez ou outra, saboreava alguma raiz das estradas. Dormia apenas quinze minutos. Não tinha mais problemas de moradia ou vestimenta” (GIUDICE, 2009, p. 383).

Assim, o percurso de “joão” metaforiza o tema da exploração a que a classe trabalhadora é submetida no ambiente de trabalho. Conclui-se, portanto, que desde a situação inicial da história “joão” é visto pela empresa como um objeto que é utilizado para proporcionar lucro. Portanto, sua metamorfose em um arquivo de metal corrobora o tema de exploração do trabalhador em uma sociedade pautada pelo capital.

AS VIAS CONTRATUAIS DE LEITURA EM “O ARQUIVO”

O modo como o enunciador entretece as figuras no texto de Giudice produzem o efeito de sentido de absurdo e conduzem o enunciatário-leitor primeiramente ao “crer recusado”, na medida em que nos exemplos apreendidos no texto observasse que a linguagem e seus protocolos figurativos se colocam no centro do discurso, levando o leitor a afastar-se do ponto de vista referencial e de uma leitura no sentido literal para alcançar um referente interno convocado, de acordo com Bertrand (2003, p. 409), por ironização.

As isotopias figurativas manifestadas no conto veiculam, por outro lado, um universo axiológico que ultrapassa a significação primeira das figuras, possibilitando ao

enunciatório construir novos sentidos, o que o conduz ao “crer crítico”. Nessa segunda via contratual, “as impressões de verdade iniciais, puramente icônicas escapam” (BERTRAND, 2003, p. 410). Assim, uma outra ordem de crença se junta a elas, conduzindo o enunciatório a um nível de apreensão de ordem abstrata ou temática.

Tendo em vista a diversidade das formas que a dimensão figurativa pode atualizar, é possível observar no conto, objeto de nossa análise, um raciocínio figurativo, já que a significação figurativa ultrapassa seu sentido literal e, por meio de um além-sentido, possibilita ao enunciatório, o desvelamento de novas significações. Não se trata, pois, de uma racionalidade dedutiva, mas, antes, de uma racionalidade que se processa por meio de analogias.

Dessa forma, a organização das figuras nesse conto permite uma abertura do discurso para outras significações, levando o enunciatório a um redimensionamento do contrato de veridicção. Nesse sentido, as figuras “prêmios”, “recompensas”, no contexto da narrativa, tornam-se irônicas, na medida em que fazem referência às reduções salariais e ao rebaixamento de cargo do sujeito, remetendo ao tema da reificaçãoⁱⁱⁱ do trabalhador, processo por meio do qual o sujeito perde sua condição de ser humano e transforma-se em um objeto. Isso é concretizado ao final da narrativa em que o ator “joão” desumaniza-se e transforma-se em um arquivo de metal. O conto ironiza, pois, o modo de ser do trabalhador alienado e subserviente que perde as características da autonomia e da autoconsciência e gradativamente se transforma num não sujeito, passivo e autômato, até ser transformado em objeto.

A adesão do enunciatório-leitor a esse texto se dá, portanto, também por meio do “crer crítico”, já que a associação figurativa aparece, para além das representações semânticas particulares, como fonte de novas significações com alcance mais geral e abstrato. Deve-se lembrar, conforme Bertrand (2003, p. 410), que “as associações de figuras e imagens não esgotam sua significação na simples figuração, elas engendram ‘ideias’”. Dessa maneira, ao plano figurativo superficial, corresponde uma figuratividade mais profunda cujo efeito é reduzir, recategorizar e tematizar seu sentido.

O percurso de “joão”, passivo frente às espoliações que sofre, revela-se irônico na medida em que por meio da intensificação das explorações a que é submetido, ele se revela cada vez mais satisfeito. Nesse sentido, “joão” é o símbolo do trabalhador alienado, que encara com naturalidade a desvalorização do seu ser em favor do lucro da

empresa. Dessa maneira, o aparente absurdo do texto, associado a seu teor fantástico, representa um absurdo ainda maior instalado na sociedade que o autor critica.

REFERÊNCIAS

- BARROS, D. **Teoria do discurso**. Fundamentos semióticos. São Paulo, Ática, 2001.
- BERTRAND, D. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru: EDUSC, 2003.
- FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 1992.
- _____. **As astúcias da enunciação**. São Paulo: Ática, 1996.
- FONTANILLE, J. **Semiótica do discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.
- GIUDICE, V. O arquivo. In: MORICONI, I. **Os cem melhores contos brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- GREIMAS, A. J; FONTANILLE, J. **Semiótica das paixões**. Dos estados de coisas aos estados de alma. São Paulo: Ática, 1993.
- _____. **Da imperfeição**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2011.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. CD-ROM.
- SILVA, I. A. **Figurativização e metamorfose**: o mito de Narciso. São Paulo: UNESP, 1995.
- TATIT, L. A abordagem do texto. In: FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à linguística I**. Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2004.

ⁱ Segundo Greimas e Fontanille (1993, p. 63), o sujeito obstinado deve ser dotado das seguintes modalizações: um saber-não-ser (o sujeito sabe que está disjunto de seu objeto), um não-poder-ser (o sucesso da empresa está comprometido), um querer-ser (o sujeito insiste em ser conjunto e tudo fará para isso).

ⁱⁱ Como afirma Silva (1995, p. 94) “o verdadeiro ‘enjeu’ da metamorfose, o ponto nodal sobre o qual bascula a transformação, são os semas contextuais. É aí que a discursivização encena um verdadeiro embate sêmico do qual deverá emanar a metamorfose de um signo ‘velho’ (‘em estado de dicionário’, como diz Drummond) num signo novo: um símbolo vivo”.

ⁱⁱⁱ De acordo o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), a reificação é um “processo histórico inerente às sociedades capitalistas, caracterizado por uma transformação experimentada pela atividade produtiva, pelas relações sociais e pela própria subjetividade humana, sujeitadas e identificadas cada vez mais ao caráter inanimado, quantitativo e automático dos objetos ou mercadorias circulantes no mercado”.